



GABRIEL MARCHESI LIRA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NO HOSPITAL VETERINÁRIO
ALIANÇA GUARAPARI – ES, NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE
PEQUENOS ANIMAIS**

LAVRAS – MG

2021

GABRIEL MARCHESI LIRA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NO HOSPITAL VETERINÁRIO
ALIANÇA GUARAPARI – ES, NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE
PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório de estágio supervisionado apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Medicina Veterinária para obtenção do título de Bacharel.

Orientador
Prof. Luis David Solis Murgas
LAVRAS – MG
2021

GABRIEL MARCHESI LIRA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NO HOSPITAL VETERINÁRIO
ALIANÇA GUARAPARI – ES, NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE
PEQUENOS ANIMAIS**

**SUPERVISED INTERNSHIP CARRIED OUT AT THE ALIANÇA GUARAPARI –
ES, VETERINARY HOSPITAL IN THE MEDICAL AND SURGICAL CLINICAL
AREA OF SMALL ANIMALS**

Relatório de estágio supervisionado
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do Curso
de Medicina Veterinária para obtenção do
título de Bacharel

APROVADA em

M.Sc. Kianne Silva Monteiro - UFLA

MV. Rodolfo Stauffer Esterque - Hospital Veterinário Aliança

Prof. Dr. Luis David Solis Murgas - UFLA

Prof.º Dr.º Luis David Solis Murgas
Orientador

LAVRAS - MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por tudo que tem me dado na minha vida e por todas as graças no meu caminho.

Agradeço imensamente aos meus pais, Ádil e Glória, por me darem todo o apoio e condições de me realizar profissionalmente. Mesmo em uma faculdade tão distante de casa me deram todo o suporte e atenção, compartilhando os momentos de derrotas e vitórias que me trouxeram até aqui.

Aos meus amigos da Republica Sem Porteira que morei durante esses anos em Lavras, no qual me proporcionaram bons momentos vividos e que apesar das diferenças me ajudaram a todo momento a me desenvolver tanto profissionalmente como pessoalmente.

Aos meus amigos mais próximos, em especial Débora, Diogo, Luiza e Laura, que me acompanharam durante o período de graduação compartilhando das dificuldades, frustrações, vitórias e bons momentos mostrando serem uma boa amizade em todos os momentos.

Agradeço a minha namorada Isadora por estar sempre ao meu lado, me dando suporte, companheirismo e me proporcionar ótimos momentos mesmo com todos os obstáculos encontrados.

Agradeço a Universidade Federal de Lavras por possibilitar me capacitar profissionalmente na área que escolhi com uma ótima qualidade de ensino e com bons professores, em especial Prof.º Luis David Solis Murgas que me orientou em grande parte da graduação, sempre disposto a ajudar e passar seus conhecimentos.

Agradeço também ao Hospital Veterinário Aliança e todos seus integrantes, pelas oportunidades, conhecimentos e experiências adquiridas, nas quais me ajudaram muito no meu desenvolvimento profissional, além de todas as amizades que encontrei durante os períodos de estágio.

RESUMO

O estágio supervisionado obrigatório faz parte das exigências para conclusão do curso e obtenção do título de bacharel de medicina veterinária na Universidade Federal de Lavras. O mesmo foi realizado no período de 31 de maio a 13 de agosto no Hospital Veterinário Aliança, de segunda-feira a sexta-feira de 08h00 as 12h00 e 14h00 as 18h00, totalizando 432 horas de atividades realizadas, correspondente a disciplina PRG 107 – Estagio Supervisionado. Foram desenvolvidas atividades na área de clínica medica e cirúrgica de pequenos animais sob a supervisão do médico veterinário Jairo Luis Baratella, e sob orientação do professor Luis David Solis Murgas. Esse trabalho tem o objetivo de descrever o local de estágio, sua casuística, o funcionamento, as atividades acompanhadas e realizadas. Em complemento foi relatado um caso atendido e tratado no Hospital Veterinário Aliança, durante o período de estágio, de um animal com displasia coxofemoral no qual foi realizado a cirurgia de colocefalectomia.

Palavras-chave: Trabalho de conclusão de curso. Clínica médica de pequenos animais

ABSTRACT

The mandatory supervised internship is part of the requirements for completing the course and obtaining a bachelor's degree in veterinary medicine at the Federal University of Lavras. It was held from May 31 to August 13 at the Aliança Veterinário Hospital, from Monday to Friday from 8:00 am to 12:00 pm and from 2:00 pm to 6:00 pm, totaling 432 hours of activities, corresponding to discipline PRG 107 – Supervised Internship. Activities were developed in the area of medical and surgical clinic of small animals under the supervision of the veterinarian Jairo Luis Baratella, and under the guidance of teacher Luis David Solis Murgas. This work aims to describe the internship location, its casuistry, the functioning and the activities monitored and carried out. In addition, a case treated and treated at Hospital Veterinário Aliança, during the internship period, of an animal with Hip Dysplasia in which a colocephalotomy surgery was performed was reported.

Keywords: Course completion work. Small animal medical clinic

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário Aliança.....	02
Figura 2 – Recepção, loja e farmácia.....	05
Figura 3 – Sala de espera.....	05
Figura 4 – Consultório 1.....	06
Figura 5 – Consultório 2.....	06
Figura 6 – Consultório 3 e sala de ultrassom.....	07
Figura 7 – Consultório 4.....	07
Figura 8 – Sala de MPA.....	08
Figura 9 – Sala de Paramentação.....	08
Figura 10 – Sala de Cirurgia.....	09
Figura 11 – Baias externas para internação de cães de grande porte.....	09
Figura 12 – Internação para animais com doenças infecciosas.....	10
Figura 13 – Gaiolas da internação interna.....	10
Figura 14 - Baias internas para internação de cães de grande porte.....	11
Figura 15 – Baias para internação de gatos e animais exóticos.....	11
Figura 16 - Laboratório clínico.....	12
Figura 17 - Sala de radiografia.....	13
Figura 18 - Percentual de casos acompanhados no Hospital Veterinário Aliança dividido entre setores.....	15
Figura 19 - Percentual de casos acompanhados no Hospital Veterinário Aliança dividido em espécie e sexo.....	16
Figura 20 – Percentual de animais atendidos divididos por faixas etárias	16
Figura 21 – Porcentagem de sistemas mais acometidos no setor clínico.....	18

Figura 22 – Projeção radiográfica ventrodorsal.....	27
Figura 19 – Fotos do paciente 3 meses depois da realização da cirurgia.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Padrão racial dos caninos acompanhados.....	17
Tabela 2 – Padrão racial dos felinos acompanhados.....	17
Tabela 3 – Número de casos e percentual de acometimentos de doenças infecciosas.....	19
Tabela 4 – Número de casos e percentual de casos atendidos para realizar a medicina preventiva.....	19
Tabela 5 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema tegumentar dos pacientes.....	19
Tabela 6 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema gastrointestinal dos pacientes.....	20
Tabela 7 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema musculoesquelético dos pacientes.....	20
Tabela 8 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema nervoso dos pacientes.....	21
Tabela 9 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema oftálmico dos pacientes.....	21
Tabela 10 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema Cardiorrespiratório dos pacientes.....	21
Tabela 11 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema Geniturinário dos pacientes.....	22
Tabela 12 – Número de casos e percentual de procedimentos cirúrgicos realizados.....	22
Tabela 13 – Números de casos e percentual de exames laboratoriais realizados.....	23
Tabela 14 – Hemograma realizado no dia 16/06/2021.....	27

Sumário

2. Descrição do Hospital Veterinário Aliança	2
2.1. Funcionamento do Hospital	3
2.2. Descrição do local	4
2.2.1. Recepção, loja e farmácia	4
2.2.2. Consultórios	6
2.2.3. Centro cirúrgico	7
2.2.4. Internação	9
2.2.5. Laboratório clínico	12
2.2.6. Sala de Radiografia	12
3. Atividades desenvolvidas	13
4. Casuística no Hospital Aliança durante o período de estágio	14
4.1. Setor Clínico	18
4.2 Setor Cirúrgico	22
4.4. Setor de Exames Laboratoriais	23
5. Relato de Caso – Displasia Coxofemoral	23
5.1 Revisão de literatura – Displasia Coxofemoral	23
5.2. Relato de caso	26
5.2.1. Histórico	26
5.2.2. Conduta terapêutica	28
5.3 Resultados e Discussão	29
6. Considerações Finais	31
Referências	32

1. Introdução

Para se graduar no curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras o discente deve cumprir dez semestres letivos, sendo os primeiros nove semestres compostos das disciplinas curriculares obrigatórias, eletivas e optativas, além de carga horaria de atividades extracurriculares como a participação de palestras, realização de estágios, cursos, etc. O décimo semestre é reservado para realização do estágio obrigatório que é referente a matéria PRG107 – Estágio supervisionado.

Na disciplina PRG 107 o discente deve realizar o estágio obrigatório na área de interesse desejado sendo supervisionado por um médico veterinário, podendo ser dividido em locais diferentes, devendo cumprir 476 horas de atividades sendo 408 horas obrigatoriamente de atividades práticas enquanto as 68 horas restantes são reservadas para redigir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que corresponde a carga horaria teórica da disciplina.

O estágio obrigatório tem como objetivo aprimorar as capacidades práticas do discente e conhecer o mercado de trabalho da área de atuação pretendida. Durante o estágio tem-se a oportunidade de acompanhar os médicos veterinários na rotina, auxiliar em procedimentos e discutir casos, evoluindo as habilidades de raciocínio clínico para tomada de decisões rápidas e cruciais.

O estágio obrigatório estendeu-se em um período de 54 dias, perdurando de 31 de maio a 13 de agosto de 2021, sendo realizado no Hospital Veterinário Aliança na cidade de Guarapari – ES, tendo o enfoque na área de clínica e cirurgia de pequenos animais, com a supervisão do médico veterinário Jairo Luis Baratella além de outros médicos veterinários que compõe a equipe do Hospital e sob a orientação do Professor Luis David Solis Murgas.

O Hospital Veterinário Aliança atende animais domésticos de pequeno porte, em sua maioria cães e gatos, porém tem profissionais capacitados que atendem animais exóticos como coelhos, hamsters, aves e algumas outras espécies caso seja necessário. Tendo estrutura para atividades de clínica, cirurgia, internações, exames de imagem e laboratório clínico.

Nesse trabalho de conclusão são relatadas as atividades desenvolvidas durante o período de estágio, sendo os casos listados em categorias distintas expondo em grupos os atendimentos e dando informações sobre a rotina do hospital durante a permanência no mesmo.

Também foi relatado neste trabalho o caso de um cão atendido no hospital com diagnóstico de displasia coxofemoral no qual foi realizado a cirurgia de colocefalectomia para tratamento.

2. Descrição do Hospital Veterinário Aliança

O estágio supervisionado foi realizado no Hospital Veterinário Aliança (Figura 1) com sede na cidade de Guarapari, estado de Espírito Santo, na Av. Praiana, nº 353, CEP 29216-090. O período de realização do estágio foi do dia 31 de maio de 2021 até o dia 13 de agosto de 2021, totalizando 432 horas, sob a supervisão do médico veterinário Jairo Luis Baratella.

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário Aliança



Fonte: Do autor (2021)

O Hospital Veterinário Aliança foi inaugurado no final de 2016 tendo 3 sócios, o MV. Eduardo Brandão Montezano, MV. Jairo Luis Baratella e o MV. Rodolfo Stauffer Esterque, que trabalharam juntos anteriormente em outra clínica e resolveram se unir para inaugurar sua própria clínica veterinária. Todos os sócios atuaram como os únicos médicos veterinários da clínica naquele momento. Com o passar do tempo houve um grande crescimento da clínica, sendo contratados diversos profissionais. Hoje o estabelecimento conta com 11 funcionários, divididos entre médicos veterinários, equipe de limpeza e recepcionista.

Atualmente são ofertados serviços de atendimento clínico geral e internação 24 horas, diversos tipos de cirurgias, exames de imagem (ultrassom e raio x digital) e exames clínicos

(hemograma, bioquímico, urinálise, citologias e testes sorológicos rápidos) além de haver uma loja interna na recepção com diversos tipos de objetos. Na recepção são ofertados artigos farmacêuticos veterinários e também objetos de petshop. Além disso, o hospital possui uma parceria com uma empresa terceirizada que presta serviço de banho e tosa em cães e gatos

2.1. Funcionamento do Hospital

O Hospital Veterinário Aliança tem funcionamento 24 horas contando com 8 veterinários fixos. Em dias úteis, no horário diurno (de 8:00 h até as 18:00 h), permanecem cinco veterinários a disposição para atendimentos clínicos gerais, uma veterinária em regime de agendamento para atendimento de animais exóticos e sessões de consulta de medicina integrativa além de dois veterinários somente para plantão noturno. No horário da noite é escalado somente um veterinário, alternado entre os dois plantonistas e três dos veterinários que atendem no período diurno. Também trabalham em período diurno duas auxiliares de serviços gerais e uma recepcionista.

Dentre os veterinários que atendem durante o dia, dois deles ficam prioritariamente a disposição da parte cirúrgica, realizando os procedimentos cirúrgicos do Hospital nos quais são realizados diversos tipos de cirurgias, desde cirurgias de tecido mole até ortopédicas. Para casos de cirurgias de emergência, fora do expediente diurno, é solicitada a presença de um dos sócios para realiza-las, revezando entre eles a disponibilidade de estar em situação de sobreaviso.

Uma médica veterinária fica encarregada por atender os animais exóticos que chegam para consulta no hospital, atendendo coelhos, aves, hamsters, tartarugas dentre outras espécies, porém somente com consulta marcada. Essa mesma veterinária realiza serviços de medicina veterinária integrativa na clínica, como fisioterapia, acupuntura, eletroacupuntura e moxaterapia.

No setor de exames de imagem, na parte de ultrassonografia, um veterinário fica encarregado de realizar esses exames quando necessário durante o horário de expediente, porém alguns outros veterinários têm noções básicas para o realizar esse exame para fim de diagnóstico rápido. Na parte de exames radiográficos, todos os veterinários operam a máquina e o sistema digital, contudo as imagens são enviadas para um veterinário especialista que lauda essas imagens e encaminha para a clínica em até 2 dias úteis, mas o veterinário clínico analisa as imagens e começa sua conduta até a confirmação pelo laudo.

O laboratório do hospital funciona durante o período diurno, ficando sobre responsabilidade de um dos veterinários, sendo realizado exames de sangue (hemograma e bioquímico), exames urinários, exames de fezes e algumas citologias, sendo que este veterinário não trabalha em regime de dedicação exclusiva para o laboratório. Outros veterinários do hospital também estão autorizados a utilizar o equipamento de hemograma para realizar exames rápidos durante a rotina clínica.

2.2. Descrição do local

O hospital é constituído por diversas construções em um só terreno, contando com uma grande área em sua localidade, com um espaço de área verde, estacionamento, área de recepção espaçosa, quatro salas de atendimento, centro cirúrgico, sala de raio-x, diversas áreas para internação, sendo elas divididas entre: baias para cães grandes, canil, gatil e uma área separada para animais com doenças infectocontagiosas além de conter outros espaços internos. Há também uma área separada reservada para uma empresa de banho e tosa parceira.

2.2.1. Recepção, loja e farmácia

Após entrar no pátio do hospital, à direita existe uma estrutura principal que dá acesso a recepção (Figura 2), a área de recepção é bem ampla composta de um balcão (no qual a recepcionista trabalha), vários assentos para aguardar o atendimento (Figura 3), bebedouro de água, balança e ar-condicionado para que os clientes possam estar bem confortáveis.

No mesmo ambiente da recepção há também os artigos da loja, com inúmeras variedades de produtos, como brinquedos, pelúcias, coleiras, camas, tapetinhos, caixa de transporte, potes de rações, rações, petiscos, dentre outros. Também na recepção encontramos a farmácia com medicamentos veterinários para venda aos tutores.

Figura 2 – Recepção, loja e farmácia



Fonte: Do autor (2021)

Figura 3 – Sala de espera



Fonte: Do autor (2021)

2.2.2. Consultórios

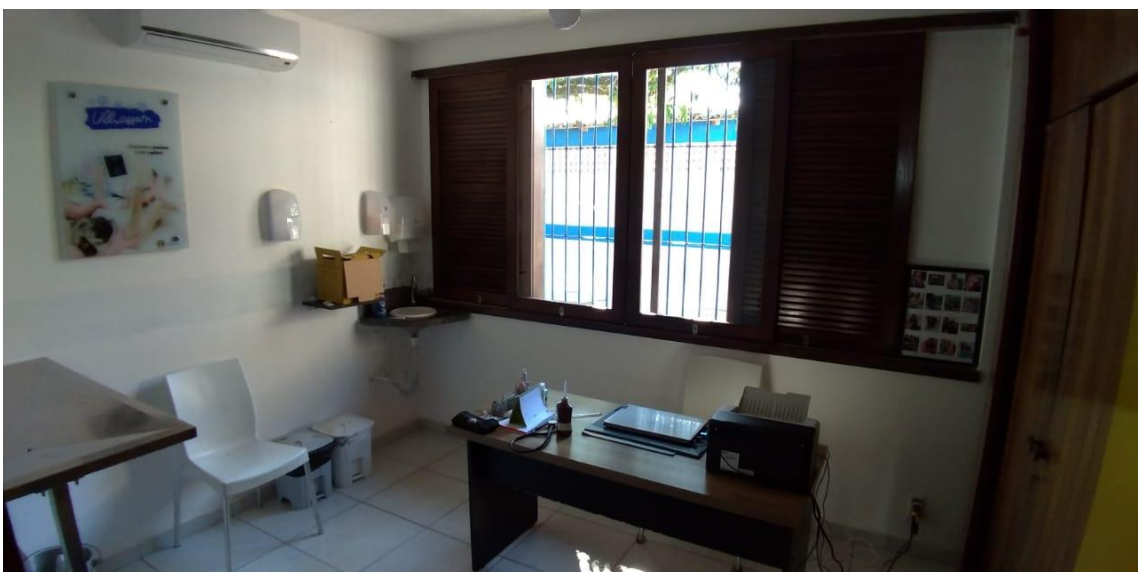
O hospital tem à disposição quatro consultórios (Figuras 4, 5, 6 e 7) para atendimentos clínicos gerais, todos com mesa de inox (para o atendimento do paciente), mesa de madeira com notebook e impressora, e pia para higienização. No consultório 3 (Figura 6) também se encontra o aparelho de ultrassom, sendo assim este consultório para atendimentos e exames de ultrassonografia.

Figura 4 – Consultório 1



Fonte: Do autor (2021)

Figura 5 – Consultório 2



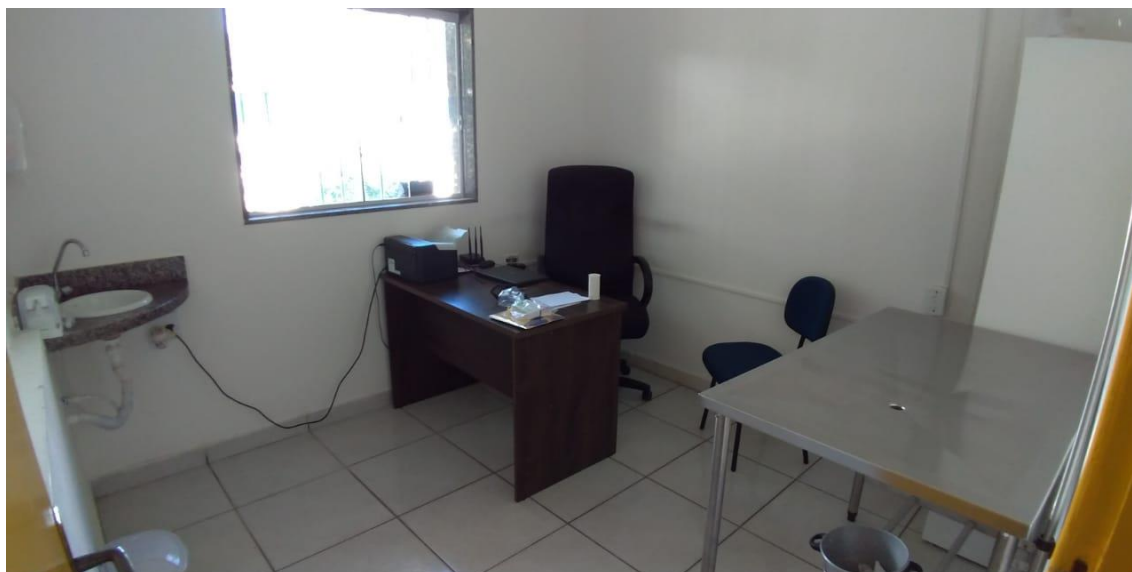
Fonte: Do autor (2021)

Figura 6 – Consultório 3 e sala de ultrassom



Fonte: Do autor (2021)

Figura 7 – Consultório 4



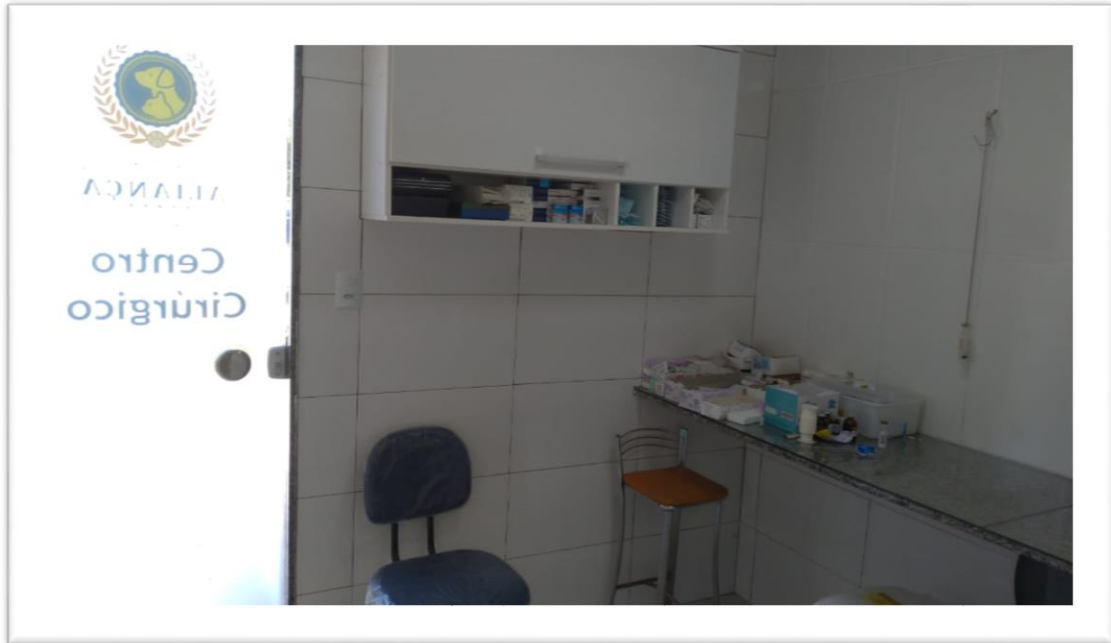
Fonte: Do autor (2021)

2.2.3. Centro cirúrgico

O centro cirúrgico do hospital é composto de uma sala para MPA (Medicação Pré-Anestésica) (Figura 8) na qual são preparados os animais para a cirurgia, anestesiando, tricotomizando e colocando o acesso venoso. Há uma pequena sala para realizar a antissepsia e

paramentação dos cirurgiões (Figura 9) e a sala de cirurgia na qual são realizados todos os procedimentos cirúrgicos do hospital (Figura 10).

Figura 8 – Sala de MPA



Fonte: Do autor (2021)

Figura 9 – Sala de Paramentação



Fonte: Do autor (2021)

Figura 10 – Sala de Cirurgia



Fonte: Do autor (2021)

2.2.4. Internação

O hospital conta com cerca de 68 vagas para internações, sendo essas divididas entre baias para cães de grande porte (Figura 11 e 14), baias destinadas a animais com doenças infecciosas (Figura 12), diversas gaiolas (Figura 13) e uma área com baias específicas para gatos e animais exóticos (Figura 15).

Figura 11 – Baias externas para internação de cães de grande porte



Fonte: Do autor (2021)

Figura 12 – Internação para animais com doenças infecciosas



Fonte: Do autor (2021)

Figura 13 – Gaiolas da internação interna



Fonte: Do autor (2021)

Figura 14 - Baias internas para internação de cães de grande porte



Fonte: Do autor (2021)

Figura 15 – Baias para internação de gatos e animais exóticos



Fonte: Do autor (2021)

2.2.5. Laboratório clínico

O hospital contém uma área específica para o laboratório clínico (Figura 16) contendo diversos aparelhos, como: microscópio, máquinas para realização de bioquímico automático e semiautomático, máquinas para realização de hemogramas, estufa, estação de produção de água destilada, centrífuga, dentre outros.

Figura 16 - Laboratório clínico



Fonte: Do autor (2021)

2.2.6. Sala de Radiografia

Há no hospital uma sala somente para exames radiográficos (Figura 17), possuindo um aparelho de raio-x com sistema digital e um computador. As imagens realizadas são enviadas para um grupo de veterinários especialistas que laudam e encaminham o laudo de volta para o hospital em até 48 horas.

Figura 17 - Sala de radiografia



Fonte: Do autor (2021)

3. Atividades desenvolvidas

Durante o período de estágio no Hospital Veterinário Aliança foi possível acompanhar consultas clínicas gerais, exames ultrassonográficos e radiográficos, diversos procedimentos cirúrgicos, exames laboratoriais e a rotina da internação. Logo, foi possível acompanhar e realizar várias atividades sendo de escolha do estagiário qual delas presenciar, de acordo com sua área de interesse.

O início da rotina do hospital se dá através das coletas de informações providas dos plantonistas da evolução dos pacientes internados durante o plantão da noite pelos veterinários responsáveis dos casos, ajustando os tratamentos (caso necessário) e realizando os cuidados com estes pacientes, sendo possível ao estagiário, sob a supervisão do veterinário, auxiliá-lo e executar procedimentos como a administração de medicamentos injetáveis (subcutâneo ou intravenoso) ou orais, avaliar acesso venoso e caso necessário realizar um novo acesso, preparar e oferecer alimentação aos pacientes, aferir parâmetros vitais, realizar a drenagem de seromas e drenagem de ascite, manejo de feridas com trocas de bandagens e manejo de fraturas. Após a rotina inicial de internação o estagiário ficava a disposição a ajudar nas áreas que necessitasse algum auxílio e nas áreas de interesse ao estagiário.

Nas consultas clínicas gerais o estagiário pôde acompanhar e auxiliar o veterinário responsável de algumas formas quando necessário, podendo auxiliar na contenção física do

paciente, busca de materiais necessários para realização de alguns procedimentos, limpeza e organização do consultório após a consulta e em alguns casos realizar certos procedimentos como coleta de sangue e exames sob a supervisão do veterinário responsável. Ao final de cada consulta o estagiário tinha a liberdade de tirar dúvidas sobre o caso e questionar o veterinário sobre sua conduta clínica.

No setor de exames de imagem, a radiografia é realizada pelos próprios veterinários clínicos gerais na sala de raio-x, operando a máquina e o sistema digital para a execução das imagens, sendo possível nestes momentos o estagiário auxiliar no posicionamento do paciente. Nos exames ultrassonográficos o paciente era levado ao consultório 3 para realização do exame, nestes casos o estagiário fica encarregado de preparar a sala e o aparelho de ultrassom previamente, levar o paciente e assim auxiliar o veterinário no posicionamento durante a realização do procedimento.

O setor laboratorial realiza hemogramas, urinálise, exames bioquímicos, citologias e exames coproparasitológicos, sendo sob a responsabilidade de um veterinário, atuando principalmente na parte da tarde. As atividades desenvolvidas pelo estagiário nesse setor eram: a organização e preparação de amostras de sangue para hemograma e bioquímicos, cadastro de resultados no sistema, preparar o maquinário para realização de bioquímicos, preparação de exames coproparasitológicos e organização do laboratório ao final do dia.

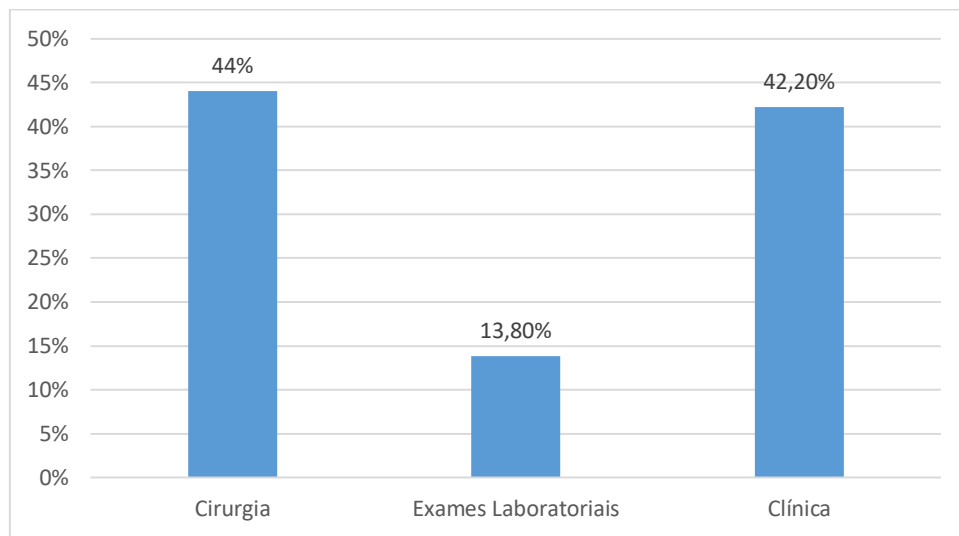
No centro cirúrgico o estagiário pôde acompanhar diversos procedimentos cirúrgicos devido à alta demanda cirúrgica do hospital. Inicialmente o estagiário, no setor, preparava o animal levando-o para a sala de MPA, auxiliando o anestesista na tranquilização do paciente, realizando a venipuntura para acesso venoso e a tricotomia da área na qual vai haver a cirurgia. Logo após o animal era levado a sala de cirurgia, sendo que o estagiário auxiliava o anestesista a induzir anestésicamente e realizar a intubação orotraqueal do paciente além de preparar a monitoração anestésica com os sensores. Durante a cirurgia o estagiário pôde participar ativamente em alguns procedimentos como auxiliar do cirurgião e nos outros auxiliava o anestesista na monitoração anestésica.

4. Casuística no Hospital Aliança durante o período de estágio

Durante o período de estágio no Hospital Veterinário Aliança foram acompanhados 180 casos de animais que foram atendidos pelo hospital, esse número não representa a totalidade de

casos atendidos no hospital durante o período de estágio, mas sim os casos acompanhados pelo estagiário. Em alguns dos casos o acompanhamento foi somente laboratorial, sendo 25 do total de casos de exames realizados no laboratório do hospital, 79 casos cirúrgicos e 76 casos clínicos, como ilustrado na Figura 18. Durante o acompanhamento destes casos o estagiário pôde realizar diversos procedimentos além de auxiliar em outros casos de animais já internados.

Figura 18- Percentual de casos acompanhados no Hospital Veterinário Aliança dividido entre setores.

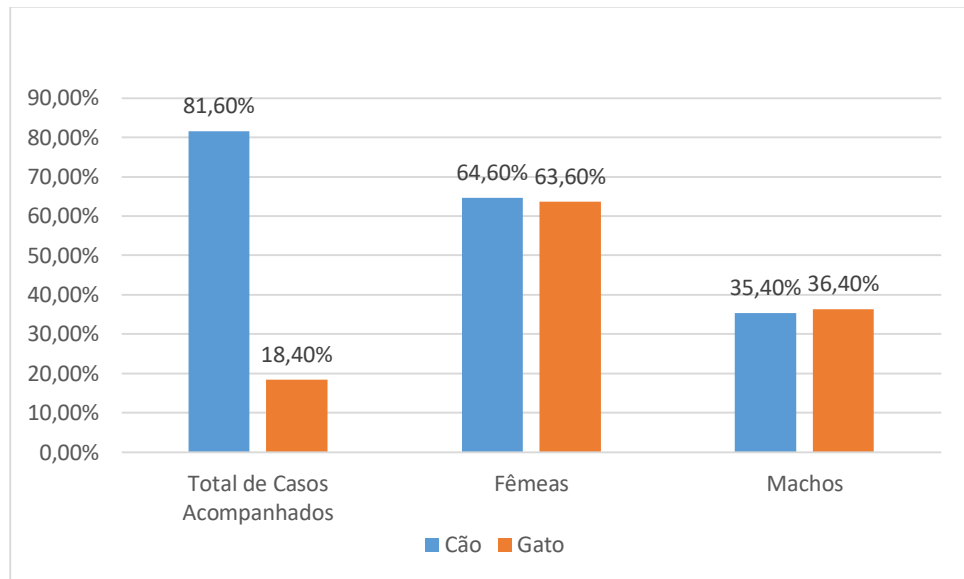


Fonte: Do autor (2021)

A casuística acompanhada durante período de estágio no Hospital está representada na forma de textos, gráficos e tabelas em espécies, sexo, faixa etária e padrão racial, sendo essas representações de todos os setores acompanhados.

Na Figura 19 pode-se observar o percentual de casos acompanhados no Hospital Veterinário Aliança dividido em espécie e sexo ilustrando bem a grande demanda da espécie canina que é atendida no local em comparação com a espécie felina, sendo 81,6% (147 animais) caninos e 18,4% (33 animais) felinos. Entre a espécie canina, 64,6% (95 animais) eram fêmeas e 35,4% (52 animais) eram machos, e dentre os felinos, 63,6% (21 animais) eram fêmeas e 36,4% (12 animais) eram machos.

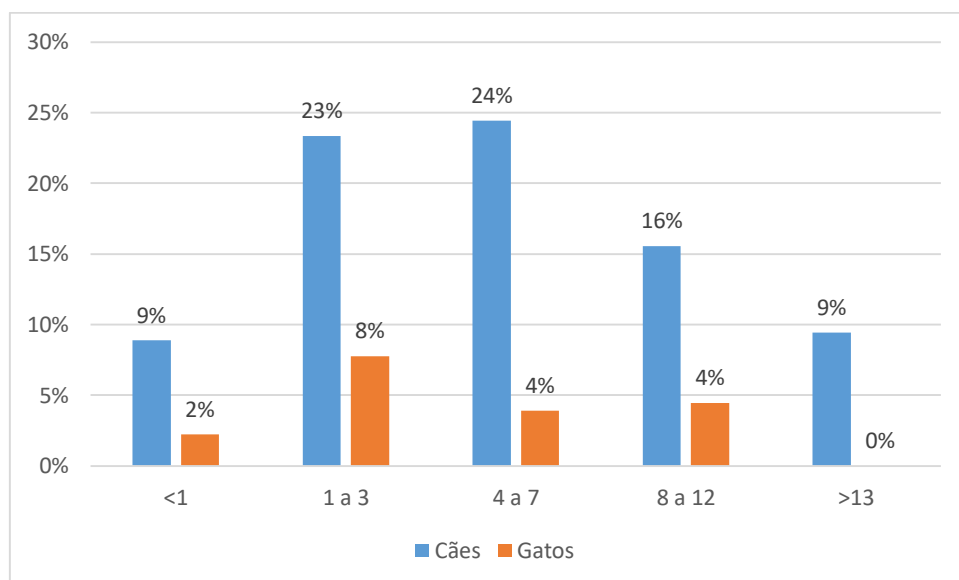
Figura 19- Percentual de casos acompanhados no Hospital Veterinário Aliança dividido em espécie e sexo



Fonte: Do autor (2021)

A Figura 20 ilustra a faixa etária dos animais atendidos no Hospital, tanto de cães como gatos, havendo um predomínio de cães na faixa de 4 a 7 anos e de gatos de 1 a 3 anos.

Figura 20 – Percentual de animais atendidos divididos por faixas etárias



Fonte: Do autor (2021)

Nas Tabelas 1 e 2 são apresentadas as raças animais atendidos no hospital, sendo da Tabela 1 dos caninos e da Tabela 2 dos felinos. Em ambas as espécies a prevalência maior foi de animais sem raça definida (SRD), devido, provavelmente, a cidade ser pequena e a procura de padrão raciais específicos ainda não ser tão elevada como em cidades grandes.

Tabela 1 – Padrão racial dos caninos acompanhados

Padrão Racial	N	Frequência (%)
SRD	54	36,73
Yorkshire	20	13,61
Shih-tzu	19	12,93
Pinscher	8	5,44
Spitz-alemão	6	4,09
Lhasa apso	5	3,40
Podlle	4	2,72
Pastor alemão	4	2,72
Buldogue Francês	4	2,72
Pit bull	4	2,72
Beagle	3	2,04
Labrador	3	2,04
Golden retriever	3	2,04
Chow-chow	2	1,36
Maltês	2	1,36
Dálmata	2	1,36
Border collie	2	1,36
Dogo argentino	1	0,68
Cocker	1	0,68
Total	147	100%

Fonte: Do autor (2021)

Tabela 2 – Padrão racial dos felinos acompanhados

Padrão Racial	N	Frequência (%)
SRD	28	84,85
Azul russo	3	9,09
Siamês	1	3,03
Bengal	1	3,03
Total	33	100

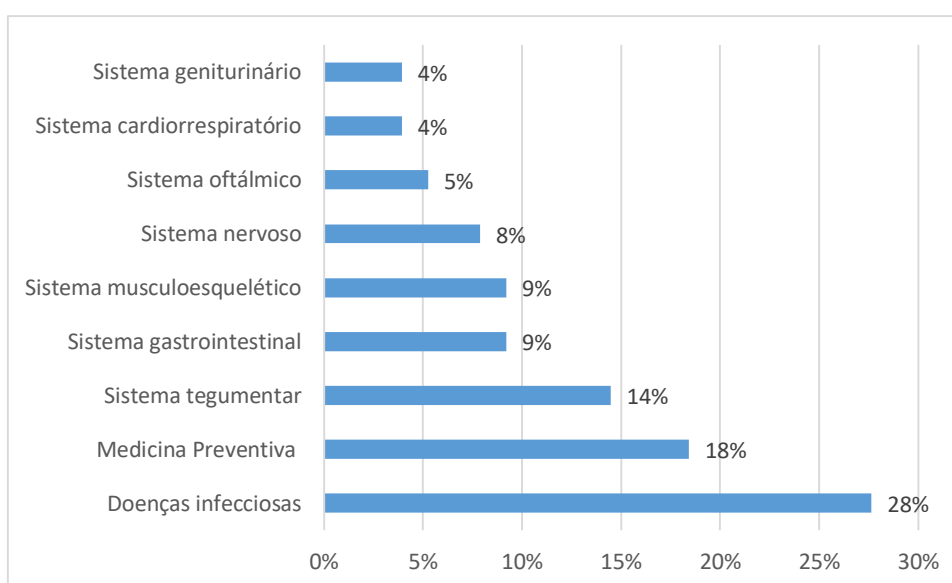
Fonte: Do autor (2021)

4.1. Setor Clínico

A casuística acompanhada pelo estagiário no setor clínico foi ilustrada na Figura 21 totalizando 76 casos, sendo representado somente os casos que eram clínicos, os casos de encaminhamentos cirúrgicos foram abordados no próximo tópico (Setor Cirúrgico). Os casos foram agrupados em: Doenças infecciosas (Tabela 3), Medicina preventiva (Tabela 4), Sistema tegumentar (Tabela 5), Sistema gastrointestinal (Tabela 6), Sistema musculoesquelético (Tabela 7), Sistema nervoso (Tabela 8), Sistema oftálmico (Tabela 9), Sistema cardiorrespiratório (Tabela 10) e Sistema geniturinário (Tabela 11).

A área com maior acometimento foi a de doenças infecciosas com 21 casos (28%), a segunda área foi de Medicina Preventiva com 14 casos (18%), seguido por casos do Sistema tegumentar com 11 casos (14%), Sistema gastrointestinal e musculoesquelético ambos com 7 casos (9%), Sistema nervoso com 6 casos (8%), Sistema oftálmico com 4 casos (5%) e sistemas cardiorrespiratório e geniturinário com 3 casos (4%) cada.

Figura 21 – Porcentagem de sistemas mais acometidos no setor clínico



Fonte: Do autor (2021)

4.1.1. Doenças Infecciosas

Na Tabela 3 são apresentados os casos de doenças infecciosas, nos quais totalizaram 21 casos representando 28% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 3 – Número de casos e percentual de acometimentos de doenças infecciosas

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Erlichiose	13	57%
Dirofilariose	2	9%
Anaplasmosse	1	4%
Parvovirose	1	4%
Cinomose	1	4%
Giardia	4	17%
Vírus da Leucemia Felina	1	4%
Total	23	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.2. Medicina Preventiva

Na Tabela 4 são apresentados os casos que foram atendidos para realizar a Medicina Preventiva, nos quais totalizaram 14 casos representando 18% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 4 – Número de casos e percentual de casos atendidos para realizar a medicina preventiva

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Vacinação	9	64%
Checkup geral periódico	5	36%
Total	14	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.3. Sistema tegumentar

Na Tabela 5 são apresentados os casos que acometeram o sistema tegumentar dos pacientes, nos quais totalizaram 11 casos representando 14% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 5 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema tegumentar dos pacientes (Continua)

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Dermatite Atópica	5	45%
Otite Bacteriana	2	18%
Dermatite Úmida	1	9%
Abcesso cutâneo	1	9%

Piodermite	1	9%
Lesão com Miíase	1	9%
Total	11	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.4. Sistema gastrointestinal

Na Tabela 6 são apresentados os casos que acometeram o sistema gastrointestinal dos pacientes, nos quais totalizaram 7 casos representando 9% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 6 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema gastrointestinal dos pacientes

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Pancreatite	2	40%
Gastrite aguda	2	40%
Gastroenterite	1	20%
Total	5	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.5. Sistema musculoesquelético

Na Tabela 7 são apresentados os casos que acometeram o sistema musculoesquelético dos pacientes, nos quais totalizaram 7 casos representando 9% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 7 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema musculoesquelético dos pacientes

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Fratura	4	57%
Artrose	2	29%
Contusão	1	14%
Total	7	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.6. Sistema nervoso

Na Tabela 8 são apresentados os casos que acometeram o sistema nervoso dos pacientes, nos quais totalizaram 6 casos representando 8% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 8 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema nervoso dos pacientes

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Epilepsia idiopática	4	67%
Intoxicação por Piretroides	1	17%
Síndrome da disfunção cognitiva	1	17%
Total	6	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.7. Sistema oftálmico

Na Tabela 9 são apresentados os casos que acometeram o sistema oftálmico dos pacientes, nos quais totalizaram 4 casos representando 5% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 9 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema oftálmico dos pacientes

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Úlcera na córnea	2	50%
Glaucoma	1	25%
Ceratoconjuntivite seca	1	25%
Total	4	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.8. Sistema Cardiorrespiratório

Na Tabela 10 são apresentados os casos que acometeram o sistema Cardiorrespiratório dos pacientes, nos quais totalizaram 3 casos representando 4% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 10 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema Cardiorrespiratório dos pacientes

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Traqueobronquite infecciosa canina	3	100%
Total	3	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.1.9. Sistema Geniturinário

Na Tabela 11 são apresentados os casos que acometeram o sistema Geniturinário dos pacientes, nos quais totalizaram 3 casos representando 4% dos casos acompanhados atendidos no Hospital Veterinário Aliança.

Tabela 11 – Número de casos e percentual de casos atendidos que acometeram o sistema Geniturinário dos pacientes

Diagnóstico definitivo/presuntivo	N	Frequência (%)
Cistite	2	75%
Doença renal Crônica	1	25%
Total	3	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.2 Setor Cirúrgico

A casuística cirúrgica acompanhada do hospital foi representada na Tabela 12 totalizando 79 casos sendo divididos e agrupados por tipo de procedimento realizado. O procedimento mais realizado no hospital foi a ovariectomia com 27 procedimentos realizados obtendo 34% de todos os procedimentos cirúrgicos, seguido por nodulectomia com 10 casos e 13% da frequência total. A área de ortopedia obteve uma grande casuística no hospital, se somados os procedimentos ortopédicos (osteossíntese, colocefalectomia, correção de luxação de patela, correção de ruptura do ligamento cruzado cranial e desnervação acetabular) obtém-se 11 casos e aproximadamente 15% do total de procedimentos, isso provavelmente se deve por haver um cirurgião no hospital que é especializado na parte de ortopedia cirúrgica.

Tabela 12 – Número de casos e percentual de procedimentos cirúrgicos realizados

Procedimento	N	Frequência (%)
Ovariectomia	27	34%
Nodulectomia	10	13%
Limpeza dentária	9	11%
Orquiectomia	8	10%
Cesariana	6	8%
Osteossíntese	3	4%
Colocefalectomia	3	4%
Ablação de bolsa escrotal	2	3%
Correção de luxação de patela	2	3%
Correção de ruptura do ligamento cruzado cranial	2	3%
Gastrotomia	2	3%
Herniorrafia	1	1%
Desnervação acetabular	1	1%
Enucleação	1	1%
Correção de entrópio	1	1%
Colopexia	1	1%
Total	79	100%

Fonte: Do autor (2021)

4.4. Setor de Exames Laboratoriais

A seguir são apresentados os números de casos e percentual de exames laboratoriais realizados no laboratório clínico do Hospital (Tabela 13). A rotina do laboratório é bem vasta porém o estagiário não esteve tão frequentemente neste setor e por um tempo a máquina principal de realizar os exames de bioquímico quebrou, diminuindo a demanda destes exames, sendo estes os principais exames requeridos.

Tabela 13 – Números de casos e percentual de exames laboratoriais realizados

Exame	N	Frequência (%)
Bioquímico	15	60%
Urinálise	5	20%
Coproparasitológico	3	12%
Citologia	2	8%
Total	25	100%

Fonte: Do autor (2021)

5. Relato de Caso – Displasia Coxofemoral

Neste trabalho será relatado um caso de um cão diagnosticado com displasia coxofemoral no qual foi atendido no Hospital Veterinário Aliança e realizou-se a técnica de colocefalectomia ou ostectomia da cabeça e colo femorais para tratamento cirúrgico.

5.1 Revisão de literatura – Displasia Coxofemoral

A displasia coxofemoral (DCF) é uma alteração no desenvolvimento da articulação do quadril, afetando a cabeça e colo femoral, e o acetábulo, caracterizada pela subluxação ou luxação completa da cabeça do fêmur nos pacientes jovens e por uma doença articular degenerativa leve a grave nos pacientes idosos (LIMA et al., 2015).

Todas as raças de cães correm o risco de ser afetados pela displasia coxofemoral, porém é mais comumente encontrada em raças grandes, gigantes e de crescimento rápido, como a raça Border Collie, demonstrado no estudo de Bettini et al., 2007 com 76% de incidência nesta raça, além de ser encontrada ocasionalmente em gatos (LIMA, 2021).

A etiologia da DCF tem principalmente uma causa genética com alto índice de hereditariedade, com genes afetando principalmente os tecidos conjuntivos, a cartilagem, e os

músculos que sustentam a região coxofemoral (BARTOLOMÉ e colab., 2015). Fatores nutricionais, acidentais, ambientais, condição corporal do animal e biomecânicos associados a idade pioram a condição de displasia. A ocorrência da doença é igual para machos quanto em fêmeas de qualquer idade ocorrendo na sua maioria bilateralmente. (SOMMER e FRATOCCHI, 1998).

A fisiopatologia da displasia se dá pela disparidade no desenvolvimento dos tecidos moles de suporte articular e um rápido desenvolvimento ósseo, podendo ser acelerado por ingestão nutricional excessiva, acarretando uma frouxidão articular ou instabilidade na articulação coxofemoral, comitantemente há uma inflamação sinovial provocada por traumas leves e repetitivos aumentando o líquido sinovial diminuindo ainda mais a estabilidade da articulação (FOSSUM, 2015).

O acetábulo é deformado facilmente pela instabilidade articular e pela continua subluxação dorsal da cabeça do fêmur além da ação de movimento de pistão provocado pelo fêmur no acetábulo, ocasionado pela lassidão da articulação, culminando em uma inclinação da superfície articular do acetábulo, de um plano horizontal normal para um plano verticalizado, reduzindo assim a área de superfície articular (FOSSUM, 2015). Conseqüentemente há a predisposição de alterações degenerativas, como esclerose óssea acetabular, osteofitose, espessamento do colo femoral, fibrose da capsula articular e subluxação ou luxação da cabeça femoral (OLIVEIRA, 2018).

Na apresentação clínica da displasia coxofemoral pode ocorrer uma dificuldade em se levantar após períodos de descanso, dificuldade de saltar e subir escadas, marcha anormal, podendo haver uma imitação do saltar de coelhos para correr, intolerância a exercícios, claudicação uni ou bilateral e vocalização revelando dor durante a claudicação. Em casos mais crônicos pode haver uma atrofia da musculatura pélvica e uma hipertrofia da musculatura torácica, evidenciando a diminuição de uso e o deslocamento de peso respectivamente. (SOMMER e FRATOCCHI, 1998) (LIMA et al., 2015).

Para diagnóstico são utilizados os dados da anamnese, exame físico ortopédico e radiográfico (para diagnóstico definitivo). Os achados físicos incluem dor durante a extensão, rotação externa e abdução da articulação do quadril, um aumento de lassidão das articulações do quadril e uma atrofia da musculatura pélvica (FOSSUM, 2015).

O diagnóstico definitivo é feito a partir da radiografia, sendo um diagnóstico preliminar em cães a partir de 12 meses e o definitivo a partir de 24 meses de idade. O posicionamento

radiográfico exigido pelo CBRV é o mesmo preconizado e padronizado mundialmente para o diagnóstico de displasia coxofemoral. O animal deve ser colocado em decúbito dorsal com os membros pélvicos estendidos, paralelos entre si e em relação à coluna vertebral e com uma leve rotação interna para sobrepor as patelas aos sulcos trocleares (as patelas devem aparecer na imagem radiográfica em uma posição entre os côndilos femorais) (ABRV, 2016). É utilizado o ângulo de Norberg (AN) para avaliar a lassidão articular, e é definido por duas linhas retas, uma que une o centro da cabeça do fêmur e a outra iniciando da própria cabeça e passando pela borda cranial do acetábulo. (VETTORATO e colab., 2017).

De acordo com VIEIRA et al., (2010) no diagnóstico de DCF, conforme o ângulo de Norberg, pode-se classificar em 5 categorias as articulações coxofemorais, variando de acordo com suas características encontradas:

- Grau A (Normal): A cabeça do fêmur e o acetábulo encontram-se congruentes, a borda acetabular crânio-lateral apresenta-se pontiaguda e levemente arredondada, o espaço articular está estreito e o ângulo de Norberg é maior ou igual a 105° .
- Grau B (Suspeito de DCF): O ângulo de Norberg é menor que 105° , mas o acetábulo e a cabeça femoral encontram-se congruentes, ou a cabeça femoral e o acetábulo estão discretamente incongruentes e o ângulo de Norberg é 105° ou maior.
- Grau C (DCF leve): A cabeça femoral e o acetábulo estão incongruentes, o ângulo de Norberg é maior que 100° e a borda crânio-lateral está levemente achatada. Presença de sinais discretos de alterações osteoartróticas
- Grau D (DCF média): Existe incongruência entre a cabeça femoral e o acetábulo, com subluxação. O ângulo de Norberg é maior de 90° e observa-se achatamento da borda crânio-lateral do acetábulo e sinais osteoartróticos.
- Grau E (DCF grave): Presença de alterações graves como luxação ou subluxação. O ângulo de Norberg é menor que 90° , a cabeça femoral encontra-se deformada (achatada, formato de cogumelo) e os sinais osteoartróticos estão evidentes.

A terapêutica adotada em casos de DCF dependem de algumas variáveis, como: idade do animal, grau de desconforto, achados físicos e radiográficos, prevenção futura de piora do caso, desejo de desempenho atlético e recurso financeiro do proprietário (SILVA, 2011).

Para tratamento conservador e casos agudos deve-se realizar uma terapia com analgésicos e antiinflamatórios para aliviar a dor e reduzir a inflamação da capsula articular. É

imprescindível o controle de peso nesses animais, além de exercícios controlados e de baixo impacto, podendo ser por meio de fisioterapia e hidroterapia (SILVA, 2011).

Há outras opções de tratamento conservativo que podem ser utilizadas, como o uso de acupuntura e eletroacupuntura, sendo relatado como um bom controle de dor e estimulador dos músculos, fortalecendo-os. O uso de nutraceuticos também é de grande importância, dentre eles a condroitina e glucosamina que tem efeitos de condroproteção e antiinflamatório articular (LIMA et al., 2015).

O tratamento cirúrgico é indicado para pacientes cujo o tratamento conservador não é eficaz, com evolução da DCF para uma doença articular degenerativa (DAD) e para pacientes jovens que é desejável um desempenho atlético ou que o tutor queira diminuir a velocidade da progressão da DAD e aumentar a probabilidade de uma boa funcionalidade do membro a longo prazo (FOSSUM, 2015).

São descritas diversas técnicas cirúrgicas que podem ser utilizadas para tratamento da DCF, como: sinfisiodese púbica juvenil, miectomia pectínea, alongamento do colo femoral, osteotomia intertrocantérica, osteotomia pélvica tripla, colocefalectomia, desnervação acetabular e a substituição total do quadril. A seleção da técnica é influenciada pela função e idade do animal, considerações financeiras, preferência do cirurgião, o grau de osteoartrose presente e a conformação do fêmur com o acetábulo. (RAGHUVIR H. B., SHIVRAJSINH K. J., DIPAK N. S., HARIT D. B., 2013; FOSSUM, 2015).

5.2. Relato de caso

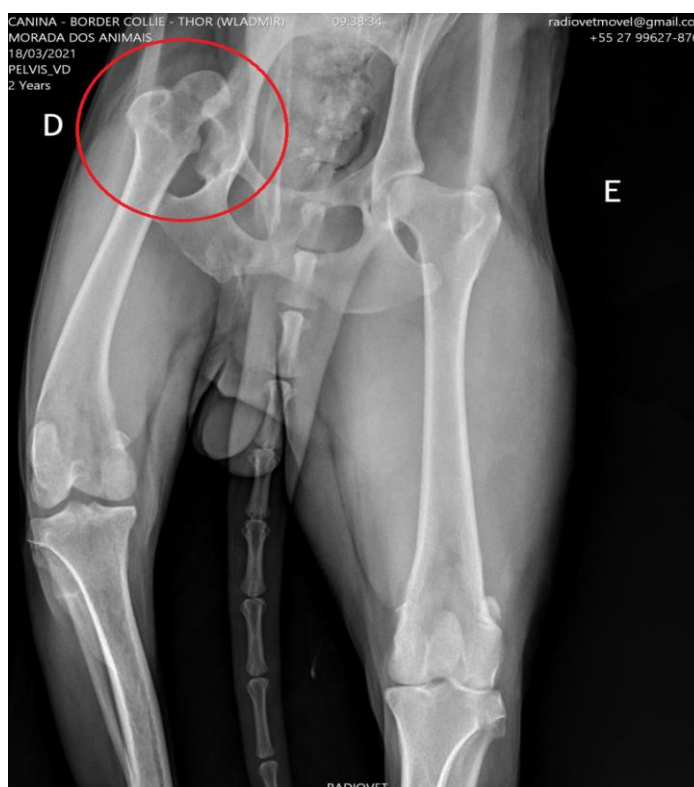
Foi recebido no Hospital Veterinário Aliança no dia 16 de junho de 2021, um cão, de padrão racial Border Collie, macho, de 2 anos de idade, com 22kg, com queixa principal de claudicação constante e um encaminhamento de outro veterinário para avaliação ortopédica.

5.2.1. Histórico

O paciente anteriormente havia brigado com um outro cão no quintal da casa que reside logo após o tutor relata que notou uma claudicação e por este motivo levou-o a um outro veterinário que após anamnese e exame físico solicitou um exame radiográfico. Foi realizado a radiografia na mesma clínica com projeções laterolateral (decúbito lateral direito) e ventrodorsal (Figura 22). No laudo do exame radiográfico foi relatado: importante

deslocamento dorsal, cranial e discretamente medial de cabeça femoral direita em relação a fossa acetabular, achatamento de cabeça femoral bilateral, subluxação de cabeça femoral esquerda e escleroses e irregularidades em fossa acetabular bilateral. Foi relatado também um diagnóstico diferencial para Luxação de cabeça femoral direita e Displasia coxofemoral com moderados processos degenerativos. Após recebimento da radiografia o veterinário receitou o uso da Condroitina e Glicosamina de forma contínua e fez o encaminhamento do animal para uma avaliação ortopédica.

Figura 22 – Projeção radiográfica ventrodorsal



Fonte: Do autor (2021)

No dia 16 de junho de 2021, cerca de 3 meses depois do primeiro atendimento no outro veterinário o paciente chegou no Hospital Veterinário Aliança com histórico descrito a cima. Foi realizada uma anamnese e exame físico do animal podendo perceber uma claudicação do membro pélvico direito e dor na palpação da articulação coxofemoral e sem demais alterações dignas de nota. Realizou-se um hemograma (Tabela 14) no qual não foi observado alterações.

Tabela 14 – Hemograma realizado no dia 16/06/2021. (Continua)

Exame	Resultado	Referência
Eritrograma		
Hemácias	7,4 (milhões/mm ³)	5,5 - 8,5 (milhões/mm ³)
Volume globular	0,47	37 - 55 %

Hemoglobina	14,2 g/dL	12,0 - 18,0 g/dL
VGM	74 fL	60,0 - 77,0 fL
CHGM	32%	31 - 35 %
Plaquetas	310(mil/mm ³)	200.000 - 575.000 (mil/mm ³)
Proteínas totais	7,8 g/dL	6,0 - 8,0 g/dL
Hemácias nucleadas	0	0
RDW	12	10 a 15
MPV	7	5 a 10
Leucograma		
Leucócitos	12,4 (mil/mm ³)	6,0 - 17,0 (mil/mm ³)
Mielócitos	0	0 - 0%
Metamielócitos	0	0 - 0%
Bastões	0	0 - 3% / 0 - 300 mil/mm ³
Segmentados	8820	60 - 77% / 3.000 - 11.500 mil/mm ³
Linfócitos	2500	12 - 30% / 1.000 - 4.800 mil/mm ³
Monócitos	680	3 - 10% / 150 - 1.350 mil/mm ³
Eosinófilos	400	2 - 10% / 100 - 1.250 mil/mm ³
Basófilos	0	/ raros

Fonte: Do autor (2021)

5.2.2. Conduta terapêutica

Após a anamnese, exame físico, hemograma e laudo do exame radiográfico o veterinário do hospital propôs aos tutores a realização de uma cirurgia de Colocefalectomia do fêmur direito e a mesma foi realizada no Hospital dois dias depois.

O animal foi levado para o centro cirúrgico em jejum, como recomendado, para realizar a preparação para a cirurgia. Foi realizado a medicação pré-anestésica intramuscular com Acepromazina (dose de 0,05 mg/Kg) e Morfina (Dose de 0,5 mg/Kg) e após 15 minutos realizou-se a tricotomia na região de antebraço (para colocação de acesso venoso), do membro pélvico direito na região da articulação coxofemoral (para realização da cirurgia) e no espaço lombossacral (para realização da anestesia epidural). Com o acesso venoso instaurado iniciou-se a infusão contínua de Morfina (dose de 3,3 mcg/kg/min), Quetamina (Dose de 10 mcg/kg/min) e Lidocaína (Dose de 50 mcg/kg/min) diluídos na fluido de Ringer com Lactato. Levado o animal para a sala de cirurgia deu-se início a indução anestésica aplicando Propofol (Dose de 5 mg/Kg) endovenoso, após relaxamento dos reflexos o anestesista pôde proceder com o processo de intubação traqueal e posteriormente dar início a anestesia inalatória com Isoflurano. Com o animal relaxado foi possível o posicionamento dos sensores iniciando assim

a monitoração anestésica e em seguida posicionado o animal para ser realizada a antissepsia e a anestesia epidural com Lidocaína (Dose de 4 mg/Kg e volume total de 0,2 mL/Kg).

Com o animal preparado o cirurgião deu início ao procedimento cirúrgico com uma abordagem cranio lateral na articulação coxofemoral do quadril direito. Procedeu-se com uma incisão de pele e subcutâneo e a localização da articulação coxofemoral e dos músculos vasto lateral, glúteo superficial, médio e profundo, e tensor da fascia lata. Devido o fêmur já se encontrar luxado facilitou o acesso, necessitando de uma dissecação romba da musculatura e a incisão no musculo vasto lateral para acesso da linha de osteotomia. Com o auxílio de um osteótomo e martelo foi possível realizar a osteotomia da cabeça e colo femorais. Após removida foi checado a incisão do colo femoral a procura de irregularidades como protuberâncias ósseas, na qual não havia. Finalizou-se o procedimento suturando o musculo vasto lateral, pele e subcutâneo.

No pós-cirúrgico imediato foi utilizado a mesma diluição de morfina, lidocaína e quetamina para auxiliar na dor e posteriormente ao ter recebido alta medica foi recomendada um repouso de 60 dias para exercícios pesados e uso do colar elisabetano até retirada dos pontos cirúrgicos. Na medicação pós-cirúrgica foi prescrito o uso oral de Cefalexina (Dose de 27 mg/Kg BID durante 10 dias), Carprofeno (Dose de 4,4 mg/Kg SID durante 14 dias), Cloridato de Tramadol (Dose de 3,6mg/Kg TID durante 3 dias) e Dipirona (Dose de 25 mg/Kg TID durante 3 dias), para uso tópico foi receitada uma pomada a base de Sulfato de Gentamicina e Sulfadiazina (Fina camada sobre a incisão, BID durante 14 dias). O médico veterinário ainda recomendou a estimulação gradativa do membro do animal pelo tutor e a realização de uma fisioterapia para fortalecimento da musculatura.

5.3 Resultados e Discussão

Ao ter o diagnóstico por laudo radiográfico de displasia coxofemoral com sinais de artrose, luxação de fêmur e sinais clínicos o tratamento instituído pelo veterinário foi cirúrgico sendo a colocefalectomia o procedimento escolhido. Este procedimento foi escolhido devido: a luxação, o alto grau de displasia coxofemoral, condições financeiras do tutor e as práticas do cirurgião, mostrando assim esta técnica tendo mais chances de sucesso terapêutico.

A colocefalectomia também conhecida como artroplastia ou osteotomia da cabeça fêmur é bastante utilizada no tratamento de algumas patologias como Legg-Calvé-Perthes, osteoartrite, luxação coxofemoral, displasia coxofemoral, fraturas da cabeça femoral ou

acetábulo, osteomielite, artrite séptica do quadril, sinovite, em casos de falha da prótese total do quadril e em enfermidades que causem prejuízo da integridade da articulação coxofemoral sem condições de reparo primário (DEGREGORI et.al., 2018).

Esta técnica consiste na ostectomia da cabeça e colo femorais eliminando o contato entre o fêmur e o acetábulo proporcionando a formação de uma falsa articulação de tecido fibroso, livre de dor articular (DEGREGORI et al., 2018).

O prognóstico é muito dependente do porte do animal e da fisioterapia pós-operatória, sendo bem satisfatório em cães de pequeno porte, já em cães de grande porte o prognóstico é reservado, possivelmente, pelo peso e musculatura que forçam o fêmur contra o acetábulo causando dor ao animal. Técnicas de terapias pós-operatórias como fisioterapia, acupuntura e estímulos de exercícios são essenciais para recuperação do membro (FOSSUM, 2015; MORAES et.al., 2015).

O animal seguiu com a realização de exercícios em casa e como o animal era bem-disposto a recuperação do membro se tornou mais rápida e até o acompanhamento do caso, três meses depois da cirurgia, o animal conseguia deambular normalmente (Figura 23) sem nenhuma alteração notada pelo tutor, assim conclui-se que a cirurgia realizada foi um sucesso terapêutico.

Figura 23 – Fotos do paciente 3 meses depois da realização da cirurgia



6. Considerações Finais

O estágio supervisionado obrigatório mostrou-se uma ótima ferramenta de formação profissional e pessoal para o discente, possibilitando relembrar os ensinamentos teóricos aprendidos na graduação e desenvolver atividades práticas na área de atuação escolhida. Também é possível através do estágio vivenciar experiências práticas da atuação do dia-a-dia de um médico veterinário, desde desenvolver a conduta com o paciente até a dinâmica de interação com os tutores.

O estágio supervisionado no Hospital Veterinário Aliança foi uma experiência excepcional. Sendo um dos maiores hospitais veterinários de Guarapari-ES e possuindo uma equipe de profissionais multidisciplinar, uma estrutura ampla com diversas áreas de atuação e uma grande casuística, o Hospital Veterinário Aliança permitiu ao discente adquirir conhecimentos em diversas áreas de atuação além da possibilidade de aprofundar e desenvolver nas áreas de interesse. Sendo possível o acompanhamento diário da rotina clínica, cirúrgica e laboratorial de um hospital e viabilizando a realização de diversos procedimentos práticos sob a supervisão dos veterinários, contribuindo extremamente no enriquecimento do raciocínio clínico, terapêutico e nas habilidades manuais. Tendo um ambiente de trabalho agradável com uma equipe unida e amigável bem como disposta a ajudar, ensinar e discutir condutas.

Conclui-se que o estágio supervisionado obrigatório é de grande valia para a formação acadêmica do discente ao adquirir grandes aprendizados e experiências prepara-o para a rotina de trabalho profissional em equipe, além de incentivar os estudos e capacitação na área de interesse. Com isso o discente consegue se sentir mais seguro ao ingressar no mercado de trabalho.

Referências

- ABRV. **Normas do Colégio Brasileiro de Radiologia Veterinária (CBRV) para Avaliação da Displasia Coxofemoral em Cães.** 2016. Disponível em: <<http://www.abrv.org.br/arquivos/normas-do-colegio.pdf>>.
- BARTOLOMÉ, Nerea et al. **A genetic predictive model for canine hip dysplasia: Integration of Genome Wide Association Study (GWAS) and candidate gene approaches.** PLoS ONE, v. 10, n. 4, p. 1–13, 2015.
- BETTINI, C M et al. **Incidência de displasia coxofemoral em cães da raça Border Collie.** Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da Unipar, v. 10, p. 21–25, 2007. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/veterinaria/article/view/568/496%5Cnhttp://revistas.unipar.br/veterinaria/article/view/568>>.
- DEGREGORI, Emanuelle B. et al. **Uso da técnica de colocefalectomia no tratamento de displasia coxofemoral em canino: relato de caso.** Pubvet, v. 12, n. 10, p. 1–9, 2018.
- FOSSUM, Theresa Welch. **CIRURGIA de Pequenos Animais.** [S.l.]: Elsevier, 2015.
- LIMA, B. B.; DIAS, F. G. G.; PEREIRA, L. F.; CONCEIÇÃO, M. E. B. A.; ROCHA, T. A. S. S.; HONSHO, C. S.; DIAS L. **Diagnóstico e tratamento conservador da displasia coxofemoral em cães.** Revista INVESTIGAÇÃO medicina veterinária, v. 14, n. 1, p. 78–82, 2015.
- LIMA, Roberto Hugo da Silva. **DISPLASIA COXOFEMORAL EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA.** 2021. 6 f. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2021.
- MORAES, Caio et al. **Colocefalectomia e osteotomia pélvica tripla no tratamento da displasia coxofemoral em cães.** Revista investigação medicina veterinária, v. 14, n. 1, p. 72–77, 2015.
- OLIVEIRA, MICHEL GONÇALVES DE. **ESTUDO RETROSPECTIVO DA CASUÍSTICA DE DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES, NO HOSPITAL VETERINÁRIO UFPG/CAMPUS DE PATOS-PB, NO PERÍODO DE 2006 Á 2016.** . PATOS - PB: [s.n.], 2018.
- RAGHUVIR H. B., SHIVRAJSINH K. J., DIPAK N. S., HARIT D. B., Chirag A. B. and Naresh H. K. **Treatment of canine hip dysplasia: a review.** J Anim Sci Adv, v. 3, n. 12, p. 589–597, 2013.
- SILVA, Alessandra Ventura Da. **DISPLASIA COXOFEMORAL: CONSIDERAÇÕES TERAPÊUTICAS ATUAIS.** . PORTO ALEGRE: TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária. , 2011
- SOMMER, Edgar Luiz e FRATOCCHI, Carlo Leonardo Grieco. **Displasia Coxofemoral Canina.** Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 1, n. 1, p. 36–43, 1998.
- VETTORATO, Michel Campos e MARCELINO, Raquel Sartor e SILVA, Rejane Lima. **Reavaliação De Posicionamentos Radiográficos Para O Diagnóstico Da Displasia Coxofemoral Em Cães – Revisão De Literatura.** Veterinária e Zootecnia, v. 24, n. 2, p. 266–277, 2017.
- VIEIRA, G. L.T. et al. **Associação entre o ângulo de Norberg, o percentual de cobertura da**

cabeça femoral, o índice cortical e o ângulo de inclinação em cães com displasia coxofemoral. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v. 62, n. 5, p. 1094–1101, 2010.